

QUEREMOS QUE VOCÊS SE SINTAM MOÇAMBICANOS E VIVAM ORGANIZADOS

EM COMUNIDADE

— Presidente Samora Machel aos mineiros residentes na África do Sul

Um grupo de mineiros moçambicanos que trabalha na África do Sul manifestou, recentemente, num encontro com o Presidente Samora Machel, a que uma das nossas últimas edições faz referência, o seu desejo de participar na construção da nova sociedade no nosso País, nomeadamente com a contribuição do Imposto de Reconstrução Nacional. No encontro que mantiveram com o Presidente Samora Machel, os mineiros moçambicanos contribuíram com 9.733 rands (cerca de 370 mil escudos) para o aumento da nossa capacidade defensiva.

«Estão aqui velhos que saíram daqui em 1922, antes de eu nascer» — disse um dos mineiros quando falava em nome do grupo. «Mas hoje lá quando se fala de Moçambique, pergunta-se se realmente acabou a opressão e nós dizemos: tire o passaporte e vá pessoalmente espreitar, ver por si próprio. E isto porque o dito não é como o visto».

Prosseguindo, o porta-voz do grupo de mineiros moçambicanos que trabalham na República da África do Sul declarou: «Mas, queremos sobretudo agradecer tudo o que a Frelimo fez por nós, porque se não fossa a Frelimo, não haveríamos de pensar que existe Moçambique. Estávamos determinados a morrer onde nos encontrávamos».

«Nós não éramos nada na Comunidade Internacional. Nós não tínhamos representante. Só um punhado de gente era representada e nós não éramos representados», continuou, para precisar a dado passo que «todos os que se encontram fora do País, não saíram por não amarem o seu País. Saíram porque não suportavam as leis opressivas que existiam dentro do País».

«Também queremos pagar Imposto de Reconstrução Nacional, porque com o Imposto de Reconstrução Nacional nós seremos capazes de avançar», sublinhou o representante daquele grupo de mineiros, ao referir-se ao seu desejo de participar na construção da nova sociedade em Moçambique. «É o imposto que nos vai permitir construir escolas, edificar as Aldeias Comunitárias onde vamos viver e é por isso que afirmamos aqui que nós queremos avançar, queremos pagar o Imposto de Reconstrução Nacional».

«A FRELIMO, onde se encontrava não produzia dinheiro e não trabalhava por causa do dinheiro. Produzava apenas do liberdade»

«Nós os trabalhadores é que devemos desenvolver o País pelas nossas próprias mãos».

Em resposta a estas palavras, o Presidente Samora Machel disse:

«Em nome do Governo da República Popular de Moçambique, em nome da Frelimo, viemos aqui para termos o conhecimento real da vida que os moçambicanos levam na África do Sul. A História do povo moçambicano é uma história cheia de glória, mas também cheia de sofrimentos.

Encontramos moçambicanos em toda a parte dos países que rodeiam Moçambique. Encontramos moçambicanos no Malawi, devido ao colonialismo português. Encontramos moçambicanos vendidos no Malawi, a preços de um quilo de sal, de um quilo de açúcar. Estão lá moçambicanos a trabalhar nas plantações de chá, recebendo uma lata de litro de farinha. Esse é o pagamento de um homem moçambicano vestido de sacos.

Encontramos o Homem moçambicano no antigo Tanganica trabalhando no sisal, recebendo, também uma lata de litro de farinha, recebendo 200 gramas de amendoim para pillar e misturar com a farinha.

Encontramos o Homem moçambicano na antiga Rodésia do Norte, produzindo cobre, mas recebendo miséria.

Encontramos moçambicanos na Rodésia do Sul como escravos do Ian Smith, cujo vencimento são bofetadas na cara e discriminação.

Encontramos o Homem moçambicano na Rodésia com uma casa para dormir, mas o chão com um cobertor e uma cadeira decente e um prato para poder comer e o moçambicano a comer numa lata de leite aborá há já cinco dias. Encontramos o Homem moçambicano na Rodésia, a fazer massagens às mulheres dos colonos e mulheres moçambicanas a fazerem massagens às mulheres inglesas nas piscinas da Rodésia e a receber a discriminação, insultos, a humilhação.

Encontramos isso em toda a parte.

Encontramos o Homem moçambicano na Suazilândia nas plantações de cana-de-açúcar, como pastores do gado que recebem leite como vencimento, como «bacola».

Encontramos o Homem moçambicano na África do Sul, nas minas de ouro, nas minas de diamante, nas minas de carvão, ferro, asbestos, enriquecendo o Vorster para poder ter força de apertar o pescoço ao Homem moçambicano e ao Homem africano.

Encontramos o Homem moçambicano na África do Sul trabalhando lado a lado com o homem branco e o branco a vencer 100, 200, 300 rands e o Homem moçambicano, 15 ou 20 rands.

Encontramos o Homem moçambicano aqui

na África do Sul, a fornecer toda a sua energia e, em troca, poeira nos pulmões, tuberculose, acidentes onde perdem um braço, uma perna, para serem indemnizados com 50 libras, ou quando muito, 80 ou 100 libras. Mas os pulmões foram comidos pela tuberculose.

Encontramos o Homem moçambicano a desenvolver a África do Sul para que ela tenha armas, tenha a bomba nuclear para ir destruir o Soweto. Produzir a riqueza, produzir a Ciência para encontrar a morte em troca.

Depois de evocar a miséria e as dificuldades económicas por que passavam os trabalhadores moçambicanos, em consequência do sistema de exploração colonial-capitalista implantado no nosso país, o dirigente máximo da Revolução Moçambicana afirmou:

«Nós compreendemos porque é que vocês estão na África do Sul. Mas, a Frelimo proclamou a independência há três anos. Tinha muitos problemas a resolver meus irmãos. A Frelimo não pode esquecer os seus cidadãos, os seus filhos. Não pode.

Era preciso primeiro organizar, varrer a nossa palhota. Não vêem que isto aqui está limpo!».

Prossequindo o Presidente Samora Machel precisou: «Queríamos sublinhar alguns pontos. Nós queremos que vocês escrevam para as vossas famílias. Primeiro, escrever para as vossas famílias. Queremos que vocês visitem as vossas famílias.

Queremos que vocês mandem dinheiro para educar os vossos filhos, os vossos familiares.

Queremos que vocês comprem tractores para desenvolver a agricultura e queremos que vocês enviem dinheiro para comprar as coisas aqui em Moçambique, porque, como vocês disseram aqui, Moçambique só se pode desenvolver com o vosso apoio. Queremos boas estradas.

Queremos comprar mais aviões, porque se continuarem a viajar como fizeram desta vez, o avião já pode ir à África do Sul e vocês já podem vir da África do Sul de avião até aqui. Podem vir de avião directamente para Inhambane. Incluindo, podemos negociar Caminhos de Ferro directamente para a África do Sul.

Queremos que vocês se organizem, se organizem na África do Sul, assumindo a qualidade de moçambicanos na África do Sul. Vocês têm de viver na África do Sul como homens livres, não oprimidos e não colonizados e não discriminados também. A Independência trouxe estes privilégios.

É verdade que temos dificuldades porque estamos nos primeiros anos e, aqui, os portugueses não deixaram absolutamente nada onde empregar as pessoas.

E nós queremos construir cidades em toda a parte do nosso País, que são as Aldeias Comuns. Quer dizer, construir cidades para ganharmos bons hábitos de viver. E queremos que vocês mandem dinheiro para construir as vossas casas nas vossas terras. Queremos que vocês façam isso. Primeiro, sintam-se moçambicanos na África do Sul e vivam em comunidade».

No dia do aniversário da Independência de Moçambique — disse a terminar, o dirigente máximo da Revolução moçambicana — dia 25 de Junho, vocês devem festejar lá. É o vosso dia. Devem transmitir isso aos vossos colegas lá. E o dia 25 de Setembro também, que é um dia grande aqui».

(De: "Notícias" Maputo, 1978-12-28)